

GRANDES

PORTUGUESES

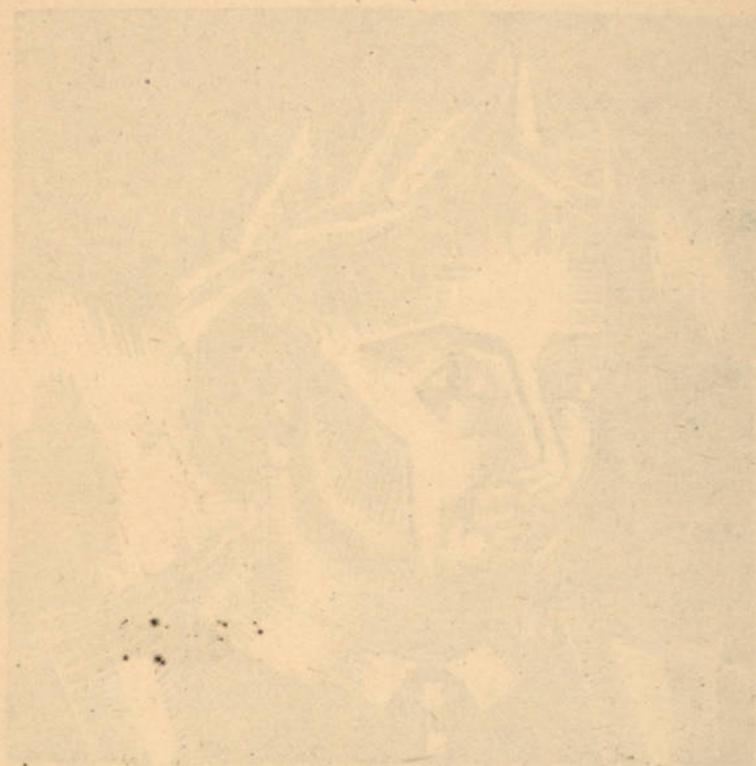
4

L. 13279 $\frac{4}{V}$



GIL VICENTE

PORTUGAL ■ EDIÇÕES SNI LISBOA ■ 1945



Grandes oficinas gráficas «Minerva»
de Gaspar Pinto de Sousa, Sucessores,
Ld.^a — Vila Nova de Famalicão

~~No.~~
132494 V.

DEP. LEG.

G I L V I C E N T E



12-165591

GLI VICE N T B

102291

GRANDES PORTUGUESES

L. 13279 4 v.

LIVRO NÚMERO QUATRO

GIL VICENTE

Muitíssima gente, sobretudo em Portugal, confunde *cultura* com *instrução*. A instrução é uma coisa que se adquire com o estudo, a leitura, os cursos, a freqüentação das escolas, fôrça de vontade, treino e habilidade mecânica do cérebro. Um homem pode tornar-se instruído em letras e ciências como se pode tornar perito em mecânica ou qualquer forma de artesanado. Para uma coisa como para a outra só precisa jeito, um certo grau de inteligência, e tenacidade.

A cultura, porém, não se encontra ao alcance de qualquer pessoa, por muito esperta, habilidosa e tenaz que seja essa pessoa. A cultura é um requinte subtil do espírito, uma delicada ciência de pensar, uma arte suprema de viver; é uma árvore que leva séculos a crescer e que se forma muito devagar, alimentada pela experiência, tratada pela selecção; e, de tempos a tempos desabrocha em florações de elites, raras e pre-

ciosas, semelhantes a estrêlas lentamente acendidas por Deus no infinito com missão de guiar os rebanhos humanos.

Nos períodos da história do homem em que sobem as utópicas marés de igualdade, as elites desaparecem e, com elas, desaparece a cultura. Então vem a instrução, que os especuladores fingem colocar ao alcance de todos sob a forma de fáceis e enganadoras vulgarizações cujos efeitos são grotescos ou perigosos. E assim se estabelece no mundo a profanação e a confusão de todos os valores espirituais.

Os ciclos da evolução humana — aos quais se dá erradamente o nome de civilizações — têm, como as nações, como os impérios, como os indivíduos, a sua curva de vida, sempre a mesma. Na linha ascendente de cada ciclo desenvolve-se a cultura; no seu ponto culminante essa cultura floresce e resplandece; e no seu declínio, a cultura morre.

Segundo Spengler, a cultura é a descoberta pelo homem dos valores materiais e espirituais, e a civilização é a aplicação e a exploração desses valores. Quando um ciclo de evolução humana passa do período de cultura para o período de civilização, começa a sua decadência, entra na parte descendente da sua curva.

A Idade-Média que os enciclopedistas e a Revolução Francesa estigmatizaram com o nome de «época do obscurantismo», foi na realidade um maravilhoso período de formação de cultura. E na Renascença, sobretudo no seu alvorecer — fins do

século XIV, princípios do século XV—essa cultura floresceu. Poderíamos comparar a Idade-Média ao Inverno: essa concentração sacrossanta das seivas, êsse recolhimento misterioso das fôrças criadoras na elaboração dos esplendores futuros. E poderíamos comparar a Renascença à Primavera: essa maravilhosa surpresa de um paraíso que surge da terra colorindo-a, iluminando-a, fazendo desabrochar por tôda a parte a beleza e a fôrça num milagre de prodigalidade.

Mas isto é só o limitado horizonte que podemos abranger de uma pequena altura. Se nos elevarmos um pouco mais e o nosso horizonte se alargar, veremos sempre a repetição desta constante: na renascença do Egito, durante a 12.^a dinastia, dois mil anos antes de Cristo; no apogeu grego, do século IV antes de Cristo; no período áureo de Augusto, no Império Romano. Se pudéssemos subir mais ainda e o nosso horizonte se alargasse proporcionalmente à nossa ascensão, veríamos a repetição desta constante a perder de vista, até às brumas onde se afunda o nosso limitado conhecimento da história do homem: planície infinda onde a espaços regulares se elevam milagrosos jardins e cuja vertente oposta as multidões em marcha descem até ao abismo, no seu eterno caminhar, seguindo a inexorável rota que Deus traçou e cujo fim ignoram.

No alvorecer do século XV havia na Europa muito poucos homens instruídos, se é que os havia, segundo a moderna concepção de *instrução*. Mas existiam elites cultas que, pelo

seu viver e pelo seu pensar, ensinavam mais ao povo do que tôdas as escolas primárias, secundárias e superiores do nosso tempo. O povo educava-se (como se educa sempre, bem ou mal) pelo que lhe mostravam: imitava (como sempre imita) a seu modo o que podia. Andamos nós hoje a admirar os trajes e as artes populares que subsistem em certas regiões ainda não contaminadas pelo *Progresso*: mas êsses trajes e essas artes não são mais do que os restos de antigas imitações, por vezes deliciosamente ingênuas, por vezes burlescas e estranhamente pitorescas, das imagens de beleza e de esplendor entre as quais, aos olhos da gente simples, passavam como semi-deuses sôbre nuvens de apoteose, as elites.

Nesse tempo o poder da Igreja erguia-se acima dos mais poderosos impérios, e as elites que a cultura da Idade-Média lentamente criara, cresciam e prosperavam à luz e calor dêsse imenso brasido. Tais elites sabiam muitos segredos. Por meio de longa e laboriosa experiência e estudo verdadeiro, tinham chegado ao conhecimento de algumas leis eternas; luzes que a cultura acende e que a civilização e o progresso apagam. Sabiam:

Que não há e nunca haverá igualdade entre os homens, cujos tipos Deus criou tão diferentes;

Que os tipos humanos tão diferentes só podem ser iguais pela compreensão e aceitação das suas responsabilidades respectivas;

Que o equilíbrio do mundo só pode ser atingido pelo bom

governo e exemplo de verdadeiras elites cultas, pela obediência inteligente do povo e pelo cuidado de cada um em conservar e defender com dignidade o seu lugar respectivo;

Que o espírito é mais importante do que o corpo, como o cavaleiro é mais importante do que o cavalo...

E muitas outras leis.

A Igreja tinha, pois, o mundo nas mãos. E a Igreja sabia que o povo não é como um rebanho de gado que se contenta de pastar com o focinho rente à terra, sem nunca levantar os olhos para o céu.

O povo precisa tanto de admirar como de comer.

Para alimento do corpo estabelecia a Igreja inúmeros conventos com a sua missão de caridade, as suas hospedarias, os seus hospitais, o seu auxílio sempre pronto para acudir às necessidades dos pobres; e de tal modo espalhava as suas doutrinas de amor que não havia ricos que negassem o seu auxílio a quem dêle precisasse. Isto por dever de coração e pelo amor de Deus, e não por medo, ou verdade, ou hipocrisia como hoje sucede. E como a população era então muito menos densa do que hoje, isto bastava. A pobreza não era maior do que hoje é, apesar de tôdas as mentiras que a tal respeito se têm dito; e não era tão sórdida como agora porque não havia as grandes, enormes cidades modernas onde não há outra porfia senão a de adorar e conquistar, seja como fôr, o bezerro de ouro, e onde se alastram as vastíssimas e horríveis colmeias de antros de miséria e de vício.

Quanto ao alimento do espírito, a Igreja ocupava-se também de o fornecer ao povo. Bem entendia ela na sua sabedoria que, assim como a matéria se não pode separar do espírito sem risco de morte, o espírito neste mundo, precisa da matéria para se manifestar. Porque o corpo não é mais do que um instrumento por meio do qual o espírito actua e resplandece. E a riqueza material nada vale sem a vara de condão da riqueza espiritual que a anima e lhe dá poderes sobrenaturais.

Não havia no mundo magnificência que pudesse igualar a da Igreja quando esta abria as portas das suas catedrais — êsses monumentos formidáveis na robustez e imponência da sua estrutura, na infinita delicadeza das suas linhas e da sua decoração. Os ofícios religiosos revestiam-se de tal esplendor que eram para o povo como visões do paraíso. Metais preciosos, pedrarias de incalculável preço, sêdas, veludos, brocados, tecidos de oiro e prata, bordados de fio de oiro, de aljôfares, de pedras preciosas, véus e rendas das mais finas, perfumes que vinham do Oriente, tudo que havia na terra de mais rico e raro, ali se juntava como por milagre.

De bem pouco, no entanto, valeriam todos êsses encantados tesoiros, sem a riqueza espiritual, sem *a cultura*, êsse outro tesoiro que tinha vindo através do tempo, ganhando poderes imensos e subtis, como um feiticeiro capaz de todos os prodígios. Naturalmente, sem esfôrço, sem canseira, sem nunca se enganar, a Igreja armada da poderosa vara de condão da cultura requintada que possuía, ordenava, organizava,

dirigia, combinava as cerimónias, o ritual, a harmonia das côres, a distribuição dos volumes, as pregas das colgaduras, o lugar das tapeçarias, a cadência dos movimentos e gestos dos figurantes, a fantasia e a majestade dos vestuários, a gradação de todos os efeitos, colocando cada gota de sangue de um rubi, cada cintilação de uma esmeralda, cada ribeiro de fios de pérolas, exactamente onde convinha para a perfeição do conjunto de beleza. Subia o fumo do incenso com as vozes dos órgãos e outros instrumentos e, lá fora, cantavam os sinos e os carrilhões enchendo o ar com a glória da Igreja soberana.

A beleza! O culto da beleza e da arte que a serve, era coisa tão respeitada, tão sagrada como o próprio culto divino; porque só a beleza perfeita, sob tôdas as suas formas infinitas e misteriosas, era digna de ser oferecida a Deus.

Como num ocase de Outono onde as formas, as côres e a luz variam e se multiplicam infinitamente e se espalham pelo céu, assim as torrentes de magnificente beleza resplandecendo no segrêdo dos templos, trasbordava para os adros, espalhava-se sôbre as almas como uma poeirada de sonho e de celeste fantasia. Era tal a riqueza, a abundância da invenção e dos recursos que, principiando as celebrações religiosas com o austero ritual dos ofícios divinos, a pouco e pouco se alargavam abrangendo tôdas as artes: música, pintura, escultura, drama, poesia, dança, num vastíssimo congresso de tôdas as fôrças vivas, criadas e alimentadas pelo homem no seu fervor de adoração, na sua ardente aspiração de beleza.

O povo reünia-se nos templos; aí passava grande parte da sua vida. Quando largava a ferramenta do seu trabalho, procurava na igreja o descanso, a distração, a protecção. Ali aprendia a amar a beleza e a aproximar-se de Deus. Ali assistia a espectáculos de maravilha onde se representava o nascimento do Deus-Menino com os pastores que vinham de tão longe guiados pela Estrêla, e o esplendor dos Reis Magos com seus ricos presentes; e tôda a Paixão e morte de Jesus Cristo com muitos figurantes e tudo tanto ao vivo e com tão espantosas invenções que, na imaginação do público simples enchendo as naves e os adros, as imagens assim evocadas se transformavam em realidade presente. E depois havia os dramas dos mártires, a grande figuração do Dia de Juízo com a ascensão dos eleitos para o Céu e a atroz tomada de posse de Satanás, acompanhado pelo seu diabólico e medonho exército, arrebatando os pecadores para os terríficos domínios de trevas e de fogo eterno.

O povo extasiava-se, sorria, chorava, aterrava-se, e voltava para as suas casas com o espírito enriquecido. Era pobre, mas sabia que esta vida é transitória e que, levando com paciência e coragem a sua cruz, como Jesus Cristo levara o seu pesado lenho, no fim, para além da morte, lá estava o Céu onde tôdas as penas são esquecidas. Assim a pobre gente era mais feliz do que é hoje; porque nesse tempo tinha um Deus de misericórdia a velar por ela e um paraíso à sua espera, e hoje roubaram-lhe Deus e o paraíso e deram-lhe em troca uma

falsa instrução e, acrescentada à sua miséria que não diminuiu, a amarga e illusória crença na Liberdade, na Igualdade e na força de imaginários direitos.

Na Itália, na Espanha, na França, na Inglaterra, na Alemanha, em todo o vasto mundo católico de então, os templos eram os únicos teatros; e nêles se representavam com grande aparato os dramas emocionantes do Cristianismo onde o povo aprendia a história da sua religião.

Porém o poder supremo da Igreja começou a afrouxar no século XV com a multiplicação dos abusos no seu seio. A humanidade, como tôdas as coisas desta vida, sofre uma lenta e contínua transformação que nunca pára nem descansa. A pouco e pouco a corrupção alastrou; a pureza da fé e a austeridade das virtudes esmoreceram entre aquêles cuja missão era conduzir os homens e dar-lhes o exemplo. E, como inevitável contra-partida, foi surgindo a reacção. Uma parte da Cristandade deixou-se invadir pela dúvida. A própria cultura das elites tendo chegado ao seu apogeu, foi gerando essa clarividência fatal que iniciou o seu declínio com a longa e triste batalha da Reforma.

Até ao momento em que essa agitação dos espíritos principiou a desenhar-se, os assuntos das representações ou *mistérios* eram tiradas das Escrituras e das vidas dos Santos; reconstituições de episódios sagrados onde não surgia elemento algum de vida actual nem de crítica. Mas com a necessidade de revolta, os mistérios transformaram-se; era preciso

um pelourinho onde se amarrassem, à vista de todos, os erros e os vícios da sociedade humana contemporânea.

Os palcos alargaram-se. E não lhes bastavam as naves e os adros dos templos; irrompiam nos palácios reais, nos conventos, nos paços episcopais, nas casas dos príncipes e dos fidalgos, nas praças públicas. Ao drama juntava-se a comédia, a farça. O teatro nascia, tornava-se num púlpito de onde se prègavam as verdades. Tudo se podia dizer. Não havia censura e ninguém tomava a sério os comediantes; eram jograis, truões, cujo ofício se limitava aparentemente a divertir o público. Apontavam-se os podres da sociedade e até de membros da própria Igreja, a rir, ingènuamente, sem ódio nem maldade; e com a mesma sinceridade e a mesma simplicidade se exaltavam as virtudes e a grandeza. E há quem fale da liberdade actual e das *negras prisões* onde naqueles tempos andava o espírito do homem! Mas é que o teatro (que era então a forma de expressão dos que queriam dizer o que pensavam) não servia de arma a uma classe contra outra classe. O sentimento que o inspirava era a justiça e não a inveja nem o ódio. Os vícios eram alvejados e atacados onde aparecessem, em qualquer camada social; e do mesmo modo eram apontadas e glorificadas as qualidades nobres da alma.

No correr da noite de 8 de Junho de 1502 deu-se em Lisboa um grande acontecimento que passou quási despercebido e cuja significação e alcance só muito tempo depois foi compreendido.

Esta era a segunda noite depois do nascimento do príncipe que veio a ser el-rei Dom João III. A rainha, Dona Maria de Aragão, segunda mulher de el-rei Dom Manuel, estava reclinada no leito, ainda cansada do parto; e, fazendo-lhe companhia, encontravam-se ali el-rei, a duquesa de Bragança e a rainha-mãe, Dona Beatriz. Conversavam sossegadamente quando se ouviu um tropel e descompassada vozeria no aposento contíguo e um vaqueiro irrompeu no quarto da rainha.

Ninguém se espantou nem se assustou e, pelo contrário, a rainha sorriu e os outros ageitaram-se melhor nas cadeiras para ouvir o que aquêlê homem, de aparência tão rude, iria dizer; porque, apesar dos seus trajes de vaqueiro, todos o conheceram e bem sabiam que era um vaqueiro fingido que vinha divertir a rainha e a sua companhia. E, como a rainha era espanhola, o vaqueiro principiou a falar castelhano, o que não era de admirar porque naquele tempo as línguas portuguesa e castelhana andavam tão misturadas que, em Portugal, se falava e se escrevia indiferentemente qualquer delas.

O vaqueiro disse assim:

Pardiez! Siete arrepelones

Me pegaron a la entrada

Mas yo di una puñada

A uno de los rascones.

Empero si yo tal supiera

No viniera,

Y si viniera, no entrara,
Y si entrara, yo mirara
De manera
Que ninguno no me diera.

Começou depois o vaqueiro a manifestar o seu assombro pelo lugar onde se encontrava e por tantas riquezas e esplendores que via; e declarou:

Esta debe ser la gloria
Principal
Del paraizo terrenal...

E explicou que vinha mandado pela gente da sua aldeia e pelos outros pastores seus companheiros, a fim de indagar se era verdade que a rainha tinha dado à luz um filho. E, vendo — disse êle — pelo aspecto transfigurado da rainha, que em verdade nascera o futuro rei de Portugal, o vaqueiro deu um grande salto de alegria selvagem, como competia a um rude pastor, e principiou a glorificar em esplêndidos versos o real recém-nascido:

Com esta nueva bendita
Todo el mundo se alboroz
Oh que alegria tamaña!
La montaña

Y los prados florecieron
Porque ahora se complieron
En esta misma cabaña
Todas la glorias de España.

A rainha no seu leito, el-rei Dom Manuel, a rainha-mãe e a duquesa mostravam-se encantados com êste auto que era tão grande novidade. Os versos eram perfeitos, o que êles significavam tocava-lhes nos corações, e a figuração do vaqueiro, os seus gestos, modos e maneiras de falar não podiam ser melhores.

O autor e actor daquela tão linda invenção era Gil Vicente. Tôda a Côrte conhecia Gil Vicente, o poeta que fazia tão belos versos, o delicado artista que tão perfeitas e maravilhosas obras compunha e cinzelava em metais preciosos. Naquele tempo, os reis e a nobreza de sangue andavam muito perto do povo e reconheciam e respeitavam os artistas, êsses eleitos de Deus e por Deus inspirados para a criação da beleza; e isto era um dos frutos da cultura que se criara e se expandira à sombra da Igreja: o conhecimento, a compreensão e o culto da arte.

A instrução é coisa da terra e, como tôdas as coisas da terra, variável e incerta: quanto mais modernas e espectaculosas são as ciências mais balançam entre hipotéticas verdades e transitórias burlas, conscientes ou inconscientes, directas ou indirectas. Quanto mais o homem nas suas investigações, des-

cobertas e invenções, perde a fé no que não pode explicar e crê na possibilidade de se substituir a Deus, maior é a confusão, o desvairamento e a catástrofe da sua porfia: porque a humildade, muito mais do que uma virtude, é uma fôrça, das maiores que ao homem são concedidas.

Se a instrução é coisa da terra, a cultura é a ponte que liga a terra ao Céu; ponte mágica que no vaivém da respiração do mundo, em certos períodos, eleva o homem acima da matéria, lhe dá a ânsia de libertação da alma, e o faz oscilar, suspenso, entre a sua condição animal e a parte divina do seu ser.

Estas coisas são difíceis de entender nos nossos tempos modernos porque a cultura, essa ponte que em certos intervalos de tempo, liga a terra ao Céu, foi destruída, e do conhecimento e do culto sagrado da beleza, só ficaram tristes e convencionais imitações. Quando há cultura e elites, o artista é levado pelo seu génio ao lugar que lhe compete; a sua ascensão e a sua glória são obras de Deus. Mas hoje encontramos-nos no côncavo do marulho dêste oceano que é a vida. Na nossa loucura de condenados, enganados, contentes e triunfantes, substituímos as estrêlas por arcos voltaicos e a voz de Deus pela telefonia.

A intuição e o discernimento, êsses dons divinos que a cultura concede ao homem, apagaram-se e deixaram de descobrir o artista entre as multidões e de o elevar com mão segura. É a noite cósmica para os verdadeiros artistas; chamam-se artis-

tas aos traficantes de arte; para o ser basta *ter geito*; frequentar escolas e conservatórios, vencer em concursos. A democracia abriu tôdas as portas a tôda a gente; e a beleza morreu.

Qualquer intrujão só rico de vaidade se arvora em crítico de coisas que não entende, perante um público ignorante e preguiçoso que o escuta boquiaberto, porque é mais fácil assimilar inépcias já cozinhadas do que pensar por sua própria cabeça. Não há elites; e o povo, sem elites que o guiem e lhe dêem exemplos e modelos, perde coragem e fé, declara que não precisa de mestres e cai, desamparado, na adoração do bezerro de oiro, única e miserável esperança que lhe resta. Rebanhos sem pastores ou com maus pastores que os enganam, todos se julgam aptos para tudo. Porque não? Pois não se fartam de ouvir que os homens são todos iguais e que o dever de cada um é reivindicar os seus direitos? Não percebem que ser um bom sapateiro entre os sapateiros, um bom marceneiro entre os marceneiros, é uma superioridade real e uma consagração em si; preferem ser maus empregados públicos às ordens de quem muitas vezes vale menos do que êles. E isto porque lhes dizem que a burocracia é um bom caminho para chegar a lugares de mando e lucrativos; nessa altura lutam com unhas e dentes e esquecem a igualdade.

Se Gil Vicente tivesse nascido agora, decerto morreria de fome no vão de uma escada porque a sua alma resplandecente não era de molde a ser vendida ao diabo. Mas felizmente para

êle e sobretudo para a glória da nossa terra, nasceu quando devia nascer: numa época de cultura.

A quando, tendo terminado a representação do seu auto na câmara da rainha, o vaqueiro chamou os outros pastores que vieram trazer à sua Senhora a humilde oferenda de queijos, ovos e mel, a rainha-mãe achou tanta graça e tirou tão grande prazer desta fantasia que pediu a Gil Vicente que lhe representasse o mesmo auto às Matinas do Natal, na celebração do nascimento de Jesus Cristo. Mas Gil Vicente tinha em si uma tal riqueza de invenção que, em vez de repetir êste auto, logo criou outro que veio a chamar-se *Auto pastoril castelhano endereçado às Matinas do Natal*.

O primeiro ficou-se chamando: *Auto da Visitação*, em memória daquela *visita* do vaqueiro à rainha Dona Maria na segunda noite do nascimento de el-rei Dom João III. E nessa hora nasceu o teatro português.

Grécia e Roma tiveram, como uma das expressões da sua cultura, o teatro. E nunca, em nenhuma culminância do espírito humano, a arte dramática ultrapassou o teatro grego. Mas a civilização grega morreu e, depois dela, a romana. Veio a invasão dos Bárbaros e começou um novo ciclo. O Cristianismo alastrou pela Europa inteira. Entrou-se na Idade-Média. Aí, à sombra da Igreja todo-poderosa, floresceram nos templos os *mistérios*. Quando os primeiros movimentos da Reforma

se desenharam, na aurora da Renascença, os mistérios foram-se transformando em autos e surgiu o teatro profano.

Pela mesma época aparecem em Espanha três poetas cuja acção é semelhante à de Gil Vicente, trazendo o teatro para fora dos templos e tornando-o instrumento e voz da vida contemporânea e expressão dos seus costumes, vícios e virtudes. Juan del Encina, Lucas Fernandez e Torres Naharro foram em Espanha o que Gil Vicente foi em Portugal; o mais completo na sua obra e o mais genial de todos foi português.

Pouco ou nada se sabe das origens de Gil Vicente. Devia no entanto ser de extracção modesta, pois não é fácil supor-se que, naquele tempo, um fidalgo assumisse papel de jogral ou ofício de cinzelador. Só dois caminhos se abriam então à nobreza de sangue: o das armas e o da Igreja. Mas as origens de Gil Vicente pouco importam. Tinha êle a fidalguia suprema do génio. Foi um grande poeta, um prodigioso inovador, um corajoso campeão da Verdade e da Justiça. A rir e a chorar proclamou alto e bom som, sem medo, o que ninguém antes dele ousara formular; e fê-lo com tal autoridade, com tal dignidade e justa medida que, sem escândalo nem revolta, arrastou consigo tôdas as classes. Era tão perfeita a beleza dos seus versos, tão subtil o engenho e graça das suas invenções, tão rica e abundante a sua fantasia, tão verdadeira e intensa a vida dos seus personagens, que os seus autos apareciam como milagres; porque em imagens e cadências da imaginação, tra-

duzia claramente o que cada um trazia, sem o saber e de modo confuso e desordenado, no cérebro e no coração: e êste é o grande segrêdo dos verdadeiros artistas.

O seu espírito abençoado era semelhante a uma nascente de claras águas, inexaurível, espalhando-se em ribeirinhos cantantes, frementes de vida, pelo país inteiro. A sua primeira grande obra foi o *Auto da Visitação*, em 1502; a última foi a *Floresta dos Enganos*, em 1536. Neste intervalo de trinta e quatro anos que vai de uma a outra, perto de sessenta autos seus foram criados, postos em cena, ordenados e representados por Gil Vicente e pelos seus comparsas nos Paços reais da Ribeira, da Alcáçova, de Santos; no Paço de Santa Clara, em Coimbra; no Convento de Cristo, em Tomar; no Convento de Odivelas, no Hospital de Todos-os-Santos, na igreja das Caldas, em Almeirim, em Alvito, em Xabregas...

Que revolução! Que inundação de beleza e de graça sôbre as terras de Portugal! E isto era só o teatro, sem contar tantas outras obras que jorravam continuamente daquele cérebro privilegiado: poemas, canções, epístolas, um nunca acabar de riquezas.

Supõe-se que Gil Vicente nasceu no último quartel do século XVI. Educou-se durante o reinado de Dom João II. Aprendeu a cinzelar metais preciosos e nessa arte foi mestre como se prova pela célebre custódia feita com o primeiro oiro que veio do Oriente e que é uma obra-prima não só de técnica, na minúcia e perfeição do trabalho, como na idéia superior que

a domina e na harmonia da composição. Mas ao mesmo tempo que aprendia a arte subtil de cinzelar o oiro e de exprimir nessa matéria preciosa a elevação do seu pensamento, Gil Vicente applicava também o espírito ao estudo da teologia, das leis, da philosophia. E não superficialmente, mas com grande profundeza como se vê pelas suas obras.

Também aprendeu línguas. Escrevia tão bem o espanhol como o portuguez, e o latim éra-lhe tão familiar como a sua própria língua, o que de resto succedia a tôdas as pessoas cultas do seu tempo.

Sôbre êste fundo de arte e de ciência, começou Gil Vicente a dar vida aos seus personagens. Inspirava-se no que via, no que sentia. Olhava com atenção e clarividência à sua volta. Assim criou o diabo gótico dos seus autos, êsse misto de gárgula arrancada às decorações das catedrais, e de gaiato muito humano, cintilante de graça viva e perversa; e os frades e clérigos esquecidos dos seus deveres; e a onzeneira espalhando o mal como nódoa de azeite. Estes eram os seus agentes de malícia, os espelhos onde o poeta mostrava as imagens da decomposição. Mas havia os anjos, a Virgem, os Santos, reis e príncipes, o povo inocente, havia tudo que era alto e luminoso, de que êle falava com unção e que erguia em ardentes apoteoses. Porque o génio de Gil Vicente ensinava-lhe o que a maioria dos poetas, escritores e artistas, dos nossos dias desvairados, ignoram ou esqueceram: que mostrar o mal e estigmatizá-lo ou chamar sôbre os seus efeitos a compaixão

a sentimentalidade piegas do público, não basta; é preciso mostrar-lhe—o que é sem dúvida muito mais difícil e por isso pouco usado—o bem e os resultados do bem, em grandes imagens de serêna e forte claridade.

Na exaltação do bem sobe por vezes Gil Vicente muito alto na expressão do seu sentir. Fala assim de Nossa Senhora, no *Auto de Mofina Mendes*:

Direita vara de Adão
Alva sobre quantas forão
Santa sobre quantas são.
E seus cabelos polidos
São fermosos em seu grado,
Como manadas de gado
E mais que os campos floridos
Em que anda apascentado...

E, no *Auto da História de Deus*, esta profissão de fé que tem ressonâncias de órgão rolando sob abóbas de catedral:

Eu creio, Mundo, que o meu redentor
Vive, e no dia mais derradeiro
Eu o verei, Redentor verdadeiro,
Meu Deus, meu Senhor e meu Salvador...

E, mais adiante:

Senhor, homem de mulher nascido,
Muito breve tempo vive miserando
E como flor se vai acabando
E como a sombra se vai consumindo.

E no *Auto da Alma* (onde Gil Vicente nos aparece como precursor de Goethe), a majestosa sinfonia da Oração para Santo Agostinho:

Alto Deus maravilhoso
Que o mundo visitaste
Em carne humana
Neste vale temeroso
E lacrimoso
Tua glória nos mostraste
Soberana ...

Na *Farça da Lusitânia*, apresenta-nos os dois eternos tipos humanos. O rico mercador diz:

Eu hei nome *Todo-o-Mundo*
E meu tempo todo inteiro
Sempre é buscar dinheiro
E sempre nisto me fundo.

O outro responde:

Eu hei nome *Ninguém*

E busco a consciência...

Como exemplo de entusiasmo viril e guerreiro, temos êste canto patriótico na *Exortação de guerra*.

Ó famoso Portugal

Conhece o teu bem profundo

Pois até o polo segundo

Chega o teu poder real...

Destas alturas de exaltação mística e patriótica Gil Vicente passa à romântica e doce poesia popular:

Os vossos olhos, senhora

Senhora da fermosura,

Por cada momento de hora

Dão mil anos de tristura:

Temo de não ter ventura,

Vida, não me estais olhando,

Que me estais namorando...

(Auto pastoril português).

E a pureza e candura dêstes versos da *Comédia de Rubena*:

Ó minha mãe! Onde estais?
Minha mãe, onde me vou?
Minha mãe, não me buscais?
Vós bem sei que suspirais,
Porque os suspiros que eu dou
São os mesmos que vós dais...

De repente, como um golpe sêco de tímboles, uma fuma-
rada de enxôfre, surge um originalíssimo diabo no *Auto da
História de Deus*; um diabo que não hesita, a fim de tornar
o seu simbolismo mais impressionante, em fechar, na cena da
tentação, o mundo inteiro neste canto de Portugal:

Sabes Rio-Frio e tôda aquela terra
Aldeia-Galega, a Landeira, a Ranginha
E de Lavra a Coruche? Tudo é terra minha.
E desde Samora até Salvaterra,
E desde Almeirim bem até Herra,
E tudo por ali,
E a terra que tenho de cardos e pedras;
Que vai desde Sintra até Tôrres-Vedras,
Tudo é meu. Olha para mim
Verás como medras.

.

Gil Vicente era um grande poeta e um grande artista. Qualquer destes dons eleva o homem acima do nível humano, mas quando num só homem os dois se encontram, aquêlê que os possui fica marcado para a immortalidade. E passa a ser uma estrêla que, lá do alto dos Céus, vai brilhando sempre, alummiando os difíceis caminhos da perfeição.



*Virgínia de Castro e Almeida escreveu;
Pamela Boden ilustrou;
O S. N. I. mandou dar à estampa.*

EDIÇÕES

SNI

LISBOA